

**DO MUNDO DO TRABALHO ÀS QUESTÕES RACIAIS:
O CAIPIRA EM CORNÉLIO PIRES E MONTEIRO LOBATO*****FROM THE WORLD OF WORK TO RACIAL ISSUES:
THE “CAIPIRA” IN CORNÉLIO PIRES AND MONTEIRO LOBATO*****Beatriz Rodrigues¹**

RESUMO: Este artigo apresenta a imagem do caipira que foi traçada por dois escritores: Cornélio Pires e Monteiro Lobato, bem como as discussões, diretas ou não, entre ambos no começo do século XX. A representação do homem rural por Monteiro Lobato, sobretudo por meio do personagem Jeca Tatu, é bastante conhecida. Analisaremos os pormenores do seu trabalho no que diz respeito a tal representação procurando traçar um paralelo, que ora aproxima, ora afasta sua obra da produção de Cornélio Pires. Menos conhecido que Lobato, Pires teceu um perfil complexo e heterogêneo para o caboclo procurando valorizá-lo sempre que possível. O trabalho de ambos será analisado por meio de sua historicidade e por conta disso, dois aspectos importantes serão destacados: os relativos ao trabalho e às questões raciais.

PALAVRAS-CHAVE: caipira; Cornélio Pires; Monteiro Lobato; trabalho; raça.

ABSTRACT: This article presents the image of the *caipira* that was depicted by two writers: Cornélio Pires and Monteiro Lobato, as well the discussions between them, direct or not, in the beginning of the twentieth century. The representation of the country man by *Monteiro Lobato*, especially through the character *Jeca Tatu*, is quite known. We'll analyze the details of his work in regard to this representation making a parallel, that sometimes approximates, sometimes moves away his work from the production of *Cornélio Pires*. Less known than *Lobato*, *Pires* developed a complex and heterogeneous profile for the country person trying to appreciate him whenever possible. The work of both will be analyzed through its historicity and, because of this, two important aspects will be highlighted: those aspects related to work and the racial issues.

KEYWORDS: *caipira*; *Cornélio Pires*; *Monteiro Lobato*; work; race.

INTRODUÇÃO

A figura histórica do caipira não é, como a noção simplificadora de seu estereótipo poderia sugerir, unívoca. Não podemos afirmar que a imagem do habitante do campo como alguém simples, com pouca ou nenhuma educação formal e desapegado

¹ Universidade Estadual Paulista-UNESP - bia_sic@hotmail.com

de certos traquejos da vida social, não fora uma constante ao longo da história. Essa versão do matuto, que, aliás, perdura até os dias de hoje, foi cristalizando-se no imaginário coletivo de tal modo que é difícil não levá-la em consideração. Porém, outras e variadas imagens dessa figura tão complexa foram delineadas no início do século XX. Neste artigo, analisaremos as descrições do caipira que foram propostas por Cornélio Pires e Monteiro Lobato, bem como a discussão entre os dois escritores. O objetivo é pensar as imagens do habitante rural edificadas pelos autores com destaque para o mundo do trabalho e às questões raciais devido ao significado que essas inscrições possuíam naquele momento histórico.

Há uma questão importante a considerar quando pensamos nas imagens do caipira que foram construídas historicamente e que está interligada ao comum fascínio pela cidade. Era na cidade que tudo acontecia, lugar do progresso, de bondes e automóveis, cinematógrafos e teatros, cafeterias elegantes, dentre vários outros elementos que simbolizavam a modernização urbana. Havia um prestígio em habitar a cidade, local da cultura, da civilização e uma tendência em se definir o homem rural como atrasado, na medida em que ele não conseguia (ou não desejava) acompanhar o progresso.

Ainda que muitos relatos tenham reforçado uma visão negativa do mundo rural e de seus habitantes, é preciso considerar que outros trouxeram uma espécie de denúncia à situação de abandono em que essa população vivia. Cornélio Pires, por exemplo, esforçou-se por denunciar as dificuldades pelas quais passava o trabalhador rural, já que trabalhava em excesso e a maior parte do lucro advindo de suas colheitas destinava-se ao proprietário das terras.

De qualquer forma, ainda que estejamos colocando o rural e o urbano de forma que pareçam mundos isolados, é preciso salientar que no começo do século XX eles estão imbricados. Não me refiro apenas às práticas cotidianas, como a venda dos produtos agrícolas na cidade, por exemplo, mas também as produções escritas sobre esses espaços. Segundo Marcia Naxara, (1990, p.174) mesmo que exista uma literatura condescendente e mesmo que haja um esforço por parte de um determinado autor, ele não pode se referir “ao universo da cultura caipira, porque esta já se encontrava minada pelos padrões culturais citadinos, tendo perdido qualquer autonomia (se é que essa um dia existiu) e estando, de alguma forma, sempre referida e contraposta à civilização urbana.”

Desse modo, é preciso ter sempre em mente que as figurações do caipira

que iremos analisar neste artigo, sejam elas produzidas por Cornélio Pires ou por Monteiro Lobato, ainda que se reportem ao universo rural e ao caipira, guardam alguma ligação com a cidade ou com a visão urbana sobre o campo. Os dois escritores frequentavam a cidade e dominavam a cultura escrita, publicando em jornais e revistas, suporte de comunicação primordialmente urbano. Em outras palavras, as representações do habitante rural que serão analisadas estão interligadas aos valores que se tinha na cidade e por conta disso, aspectos como o trabalho, o progresso e as questões raciais acabam por ser colocadas em destaque.

O CAIPIRA E O MUNDO DO TRABALHO

O campo e seus habitantes foram objetos de várias interpretações. Monteiro Lobato e Cornélio Pires, ainda que o segundo fosse menos conhecido que o primeiro, foram autores expoentes do mundo caipira. Seus trabalhos foram marcados por várias ideias, conceitos e preconceitos que circularam no início do século XX. Passemos assim a uma análise do pensamento desses escritores, bem como a discussão, direta ou não, travada entre eles, para em seguida destacar os aspectos relativos ao trabalho em suas produções.

É conhecida a caracterização do caipira como preguiçoso e indolente descrita por Monteiro Lobato que alcançou seu apogeu com a criação do personagem Jeca Tatu. Em seu livro *Velha Praga*, (1914) o escritor representou o caboclo como um ‘piolho’ ou um ‘parasita da terra’. Para Lobato, seu nomadismo “por força de vagos atavismos” explicava sua forma de vida desprezada (LOBATO, 2009, p. 161). Como ele possuía laços fluidos, tanto em relação à terra quanto em relação às pessoas, levava uma vida sem preocupações futuras, fazendo com que ele praticasse queimadas e destruísse o solo. Em suas próprias palavras: “este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças” (LOBATO, 2009, p. 161).

O autor continuou seu trabalho para retratar o caboclo no livro *Urupês* (1914). Passando efetivamente a se chamar Jeca Tatu, ele apareceu como um “piraquara do Paraíba”, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso, feio e indolente (LOBATO, 2009, p. 169). Lobato demonstrou a preguiça do caipira de várias formas. Por exemplo, dizia que quando o Jeca comparecia às feiras, todo mundo sabia o que ele traria: “sempre coisas que a natureza derrama[va] pelo mato e ao homem só custa[va] o

gesto de espichar a mão e colher” (LOBATO, 2009, p. 170). O caipira estava reservado um desânimo e uma apatia tão grande que não possuía forças nem para o plantio. Sua energia estava reduzida à capacidade de retirar da terra o que ela oferecia. Afinal de contas, dizia o escritor “seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço – e nisto vai longe” (LOBATO, 2009, p. 170).

Um dos maiores problemas estaria no comportamento do caboclo, já que ele se mantinha ligado aos antigos hábitos que não estavam de acordo com a nova realidade do país, especialmente com a industrialização, urbanização e modernização. Na interpretação de Lobato, para o caipira, “de qualquer jeito se viv[ia]”, pois “nada paga[va] a pena. Nem culturas, nem comodidades”. No final do conto resumiu sua definição para o caboclo:

O caboclo é soturno.
 Não canta senão rezas lúgubres.
 Não dança senão o cateretê aladainhado.
 Não esculpe o cabo da faca, como o cabila.
 Não compõe sua canção, como o felá do Egito.
 No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores [...]o caboclo é o sombrio urupê de pau podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas.
 Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.
 Só ele, no meio de tanta vida, não vive... (LOBATO, 2009, p. 177).

Lobato estendeu essa fatalidade e o pessimismo para as produções que foram edificadas sobre o caipira. O autor já havia criticado o indianismo romântico de José de Alencar devido à idealização do índio e teceu análise semelhante em relação ao caboclo. Para Lobato, “o indianismo esta[va] de novo a deitar copa, de nome mudado.” Passou a se chamar “caboclismo”. “O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; a ocará virou rancho de sapé; [...] a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.” (LOBATO, 2009, p. 168).

A crítica de Lobato as obras que considerava artificiais e idealizadas, tratassem elas da população indígena ou do caboclo, era patente. Para ele, a diferença que se constatava entre a ficção e a realidade era enorme, fato que lhe fez escrever em Urupês: “pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!” (LOBATO, 2009, p. 170).

Segundo Lobato, o motivo que justificava esse tipo de idealismo em relação à visão que se tinha do caboclo estava ligado à falta de conhecimento que os escritores tinham da vida no campo. Em uma de suas cartas ao amigo Godofredo Rangel, Lobato

escreveu:

A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma ‘entrada’, a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romântico já cristalizado – e – até caipirinhas cor de jambo” (LOBATO, 2010, p. 291-292).

Mais do que representações bucólicas e idílicas, esse tipo de literatura informava de forma enganadora a realidade do nosso país e da nossa gente. Para o escritor, era necessário que as pessoas tomassem consciência da situação de penúria vivida no campo para que melhores condições de vida fossem buscadas. Lobato era fazendeiro e considerava que sua experiência no campo lhe permitia representar o habitante rural com mais propriedade e/ou verossimilhança que os românticos. Em carta a seu amigo Godofredo Rangel, Lobato afirmava que havia um jeito de “curar” a visão deturpada desses escritores:

O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era eu estar lá na cidade a perpetuar visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca [...] Em vez de índio, caboclo (LOBATO, 2010, p. 292).

De acordo com Sylvia Leite, (1996, p. 78) a crítica de Lobato dirigia-se à “Coelho Neto, Júlia Lopes, implicitamente o ufanismo de Bilac, e mesmo Euclides da Cunha[...]” e sem dúvida, à Cornélio Pires. O próprio Lobato afirmou que a crítica aos caboclistas era para “[...] bulir com o Cornélio Pires, que anda[va] convencido de ter descoberto o caboclo”(LOBATO, 2010, p. 321).

Referindo-se à produção literária de Cornélio Pires, Monteiro Lobato afirmou que se tratava de “uma bonita estilização – sentimental, poética, ultrarromântica, fulgurante de piadas – e rendosa” (LOBATO, 2010, p. 322). Há uma acusação bastante grave da parte de Lobato quando diz que as obras de Cornélio eram feitas para vender. Em outras palavras, Cornélio daria uma tonalidade especial e romântica ao mundo rural porque o público leitor comprava seus livros justamente por conta disso. Essas ideias fazem mais sentido quando lemos trecho de uma carta sua a Godofredo Rangel – não pública na época – em que afirmou: “o Cornélio vive, e passa

bem, ganha dinheiro gordo, com as exibições que faz do ‘seu caboclo’. Dá caboclo em conferencia a 5 mil reis a cadeira e o publico mija de tanto rir” (LOBATO, 2010, p. 322).

Ainda que o diálogo não tenha se dado de forma direta, temos em *Conversas ao pé do fogo* (1921) uma espécie de resposta de Cornélio sobre essa questão. O escritor deixava claro sua posição sobre Lobato, um “patrício” que fez uma análise sem diligência:

O nosso caipira tem sido vítima de alguns escritores patrícios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras. Sem conhecimento direto do assunto, baseado em rápidas observações sobre “mumbavas” e “agregados”, verdadeiros parasitas só encontrados em propriedades de “brasileiros”, prejudicialmente hospitaleiros, certos escriptores dão conta ao seu pessimismo, julgando o todo pela parte, justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, idiota e “nhampan”! (PIRES, 1921, p. 03).

Fica perceptível a visão mais otimista de Cornélio Pires em relação ao caipira, ainda que não livre de contradições como veremos adiante. O escritor nasceu em 1884 na cidade de Tietê em São Paulo. Escreveu diversos textos para a imprensa e livros sobre o universo caipira.² Além disso, realizava inúmeras *tournées*, com espetáculos nos quais contava anedotas e encenava episódios de temas caipiras.

Vejam os a partir de agora como Pires, através da análise de algumas de suas produções, inclusive alguns contos que foram publicados pela imprensa, compreendeu e representou o homem rural. Para começar, destaco algumas qualidades do caipira que aparecem com muita frequência em seus trabalhos: inteligência, bondade, força, alegria e astúcia.

Segundo Sylvia Leite (1996, p. 133) um dos traços mais marcantes de sua literatura era o tom anedótico que normalmente possuía uma função valorativa: “o caipira é o sujeito ‘esperto’, que manipula o citadino, e detém um saber diferenciado, mas válido”. Sobre esse tipo de conhecimento diferenciado, Cornélio Pires afirmou que os caipiras “mentem por passa-tempo, para empulhar o proximo, principalmente se esse

² Os principais livros de anedotas caipiras de Cornélio Pires são: *Conversas ao pé do fogo*, publicado em 1921, *Patacoadas* em 1926, *Mixórdia* em 1927, *Meu Samburá* em 1928, *Tarrafas* em 1932, *Chorando e rindo* em 1933, *Só rindo* em 1934, *Tá no Bocó* em 1935 e *Enciclopédia de Anedotas e curiosidades* em 1945.

próximo é da cidade. Depois de pregar meia duzia de mentiras a um cidadão (homem da cidade) o caipira, no sitio, em festas, foza! [...]” (PIRES, 1985, p. 88).

Em relação ao tipo de conhecimento do sertanejo, vale a pena mencionar texto de Cornélio Pires denominado “Terra Infame” publicado por *A Cigarra*. Ao narrar o encontro entre “dois tipos de sujeitos” que viajavam pela Sorocabana, o escritor iniciava o conto com a caracterização de ambos. O primeiro homem da história era um jovem elegante, de “atitudes principescas, roupa de viagem bem talhada, faces rosadas de creme e pó de arroz, bem escanheado, labios vermelhos, sobranceiras escovadas, olhar arrogante, cabellos tratadíssimos [...]”. O segundo “era um dos nossos caipiras, de regresso de S. Paulo, fisionomia bonanchona, olhar franco, mettido numa roupa larga, cheia de rugas [...]”. Vejamos trecho do diálogo entre ambos, começando pelo caipira:

- O doto vae gostar da fazenda...
- A vida é estúpida em S. Paulo ou no Rio... Quanto mais numa fazenda... Quem, como eu, está habituado a Londres e Pariz...
- O dotor foi p’ra Oropa faiz bem treis anno, não?
- O jovem disfarçou e mudou de assumpto.
- Olhando pela janela, viu no ar, bailando ao vento, inumeras coisinhas brancas, e procurou sahida.
- Que insectos serão aqueles, brancos, como a neve de...
- Não é bichinho, não seo dotor. Aquillo, é semente de cabeça-de-véio, um matto que depois que aflorece, abre ua tocha branca, redonda, com mais de mir sementinha que nem guarda- chuvica, mordê pode arená c’o vento p’ra sameá por tuda a parte.
- An ...
- O dotor quano era criança cõia aquillo p’ra soprá, não se alembra?
- Não ... Então o vento é que espalha sementes?
- Mei! Cumo não! Se as pranta tão pegado no chão, não pode sahi, o vento e ôtras coisa sameia (PIRES, 1917, não paginado).

Após a explicação do interiorano sobre a diversidade de sementes e dos modos como elas espalhavam-se, o rapaz elegante admitia que não conhecia muito sobre o assunto. Percebe-se que o escritor inverte o lugar-comum ao atribuir inteligência ao homem rural e ao demonstrar que o cidadão, letrado, polido e cosmopolita, poderia ser estúpido frente a outros tipos de conhecimento, como o agrícola, por exemplo.

Além da inteligência, Cornélio Pires viu o caipira como um homem esforçado e trabalhador, muito longe da imagem dele como preguiçoso e indolente. Vejamos, nas próprias palavras do escritor, por meio de um trecho de *Conversas ao pé do Fogo* (1921) como colocou a questão:

Os caipiras não são vadios, ótimos trabalhadores, têm crises de desânimo quando não trabalham em suas terras e são forçados a trabalhar como *camaradas*, a jornal. Nesse caso o caipira é, quase sempre uma vítima.

O trabalhador estrangeiro tem suas cadernetas, seus contratos de trabalho, a defesa do “Patronato Agrícola” e seus consules... Trabalha e recebe dinheiro. Ao nacional, com raras exceções o patrão paga mal e em *vales* com valor em determinadas casas, onde os preços são absurdos e os pesos *arroalhados*; nesse caso o caipira não tem direito a reclamações nem *pechinches*, está comprando fiado... com o seu dinheiro, o fruto do seu suor, transformado em pedaços de caderneta velha rabiscado a lápis.

E querem que o brasileiro tenha mais ânimo!

Ânimo não lhe falta, quando trabalha em suas próprias terras. As suas algibeira e o seu crédito nas lojas e vendas o confirmam (PIRES, 1921, p. 19 e 20).

Para Carlos Rodrigues Brandão, foi em Cornélio Pires que, pela primeira vez, viu-se o caipira aparecer avaliado “não apenas como um tipo de gente paulista, mas descrito também como uma categoria de homem do trabalho. Cheio de um confessado amor pelo homem pobre dos sertões [...]”(BRANDÃO, 1983, p. 26).

O caipira era, portanto, um forte, uma pessoa esforçada, trabalhadora e dona de uma cultura riquíssima. Cornélio Pires reconhecia que apesar das qualidades, faltava instrução ao caipira, mas admitia que a culpa pela falta de educação não era dele, pelo contrário, ter acesso a ela seria algo fundamental para reverter sua condição de penúria. Se devidamente inserido na sociedade, com direito à instrução escolar, higiene e modos adequados de conduta, ele poderia aproximar-se da tão propalada civilização. Portanto, o caipira era uma vítima, como bem ilustrou em *Tarrafas* (1932):

O serviço que o caipira paulista prestou, está prestando e ainda prestará por muitos anos, a civilização, não tem sido reconhecido pela gente da cidade, que nelle apenas vê o ridículo da ignorância, esquecendo-se de que a riqueza agrícola do Estado é devida a elle, único capaz de resistir, no manejo do machado, nas grandes derrubadas de matas virgens e bravias, recuando o índio e o sertão, para que a estrada de ferro penetre colleando pelos pontos mais longinuos (PIRES, 1932, p. 178).

Ao considerar o caipira um homem forte e robusto, Cornélio Pires percebeu nele um caminho para o progresso. Não seria possível pensar no futuro do país sem o trabalhador rural, sem a dominação da terra pelo homem. Foi por conta disso que o autor insistiu na necessidade da posse da terra para que ele pudesse ser inserido nas relações trabalhistas.

Sylvia Leite afirmou que o objetivo do ensaísta era procurar causas e soluções para os males sociais: “[...]certamente motivadas pelo ideário do liberalismo,

tão forte na década de 1910, com a campanha higienista, a defesa da alfabetização em massa, a apologia da educação e da saúde pública como soluções para os males sociais, a bandeira da moralização política”(LEITE, 1996, p. 123).

Cornélio Pires, portanto, viu o caipira como uma vítima da sociedade. Monteiro Lobato, por sua vez, acreditava que ele não era um oprimido. Pelo contrário, ele convivia com o atraso por vontade própria, contribuindo para a decadência do país, já que sua falta de vontade para o trabalho obstruía o progresso (BRANDÃO, 1983, p. 27). Era justamente esse conformismo que sinalizava para a ideia de que o povo brasileiro era inadequado para a civilização em marcha. O Jeca Tatu era preguiçoso, ineficiente para o trabalho e, portanto, inadaptável ao progresso. A qualquer proposta de trabalho respondia dizendo que “não pagava a pena” (LOBATO, 2009, p. 172).

Darcy Ribeiro (1995, p. 385-390) afirmou que Monteiro Lobato não havia percebido naquele momento o traumatismo cultural em que vivia o caipira, marginalizado pelo despojo de suas terras, resistente ao engajamento do colonato e ao abandono compulsório de seu modo tradicional de vida.

Antonio Candido (2001, p. 107) também teceu defesa em relação ao caipira, especialmente em relação à crítica intensa de que ele era indolente e não se dedicava ao trabalho. De acordo com o autor, “o escravo e o colono europeu foram chamados, sucessivamente, a desempenhar o papel que o caipira não pode, não soube ou não quis encarnar.” Esse fato mencionado por Candido é importante, já que leva em consideração a cultura do caipira no que diz respeito ao trabalho sistemático. Ademais, afirmou que quando o caipira não se tornava cidadão, ele era sistematicamente marginalizado, mas que mesmo assim não renunciava aos princípios de sua vida cultural, econômica e social. “Expulso de sua posse, nunca legalizada; despojado da sua propriedade, cujos títulos não existiam, por grileiros e capangas, persistia como agregado, ou buscava sertão novo, onde tudo recomeçaria” (CANDIDO, 2001, p. 107).

Prosseguindo com a análise, Antonio Candido (CANDIDO, 2001 p.107) afirmou que a cultura do caipira não foi feita para o progresso e que a sua mudança representaria o seu fim, justamente porque sua forma de vida estava baseada em tipos precários de ajustamentos ecológicos e sociais e que alterar essa situação seria minar sua cultura. Assim sendo, “o desamor ao trabalho estava ligado à desnecessidade de trabalhar, condicionada pela falta de estímulos prementes, a técnica sumária e, em muitos casos, a espoliação eventual da terra obtida por posse ou concessão” (CANDIDO, 2001, p. 113).

Percebe-se, portanto que, o trabalho era algo muito importante para a organização da sociedade naquele momento porque estava diretamente interligado ao ideal civilizatório que se almejava para o país. Concluiu-se muitas vezes, seja por meio do índio ou do caboclo, que nosso potencial de trabalho era inferior se comparado a outros países. De acordo com Marcia Naxara (1998, p. 52) era necessário, de alguma forma, recuperar o ideal de trabalho no Brasil, demonstrar sua importância e “encontrar os elementos adequados para a formação de um mercado de trabalho e os meios para torná-lo disciplinado. Uma sociedade do e para o trabalho [...]”.

Diante dessas questões, trataremos a seguir da forma como Cornélio Pires e Monteiro Lobato, “solucionaram” a questão do trabalho em relação ao caipira. Esses aspectos estão diretamente interligados às teorias científicas e aos aspectos raciais que estavam em voga na Europa desde o século XIX. Raça e trabalho foram privilegiados como elementos fundamentais para a constituição de uma sociedade voltada para o progresso.

AS QUESTÕES RACIAIS ENTRAM EM CENA

Vimos que o trabalho, bem como o ideal civilizatório por meio dos anseios de progresso, está relacionado às representações do homem rural. A partir de agora, passaremos a observar que além do trabalho, as questões raciais são fundamentais para compreender essas inferências em relação ao campo e ao caipira.

Para adentrar em tais discussões, começaremos por analisar a diferenciação que Cornélio Pires teceu entre os habitantes do interior e que foi baseada em aspectos raciais. Antes disso, retomemos brevemente um trecho de *Conversas ao Pé do Fogo* em que Cornélio Pires dirige-se muito provavelmente à Monteiro Lobato em relação à sua opinião depreciadora do caipira. Pires afirma que alguns escritores, tomados pelo pessimismo e baseados “em rápidas observações sobre “mumbavas” e “agregados”, verdadeiros parasitas só encontrados em propriedades de “brasileiros”, prejudicialmente hospitaleiros, acabaram julgando o todo pela parte, “justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, idiota e “nhampan”! (PIRES, 1921, p. 03).

Quando Cornélio afirma que Lobato “julgou o todo pela parte”, fica patente que pelo menos em alguns casos há uma concordância entre os escritores sobre o caipira. O problema maior não estaria na análise de Lobato propriamente, mas na sua

falta de discernimento ao generalizar o caráter degenerado do caipira que pertencia apenas a alguns. Cornélio admitia, portanto, que em algumas situações o caipira era “um farrapo de gente, um bagaço da vida, um hospital de doenças” (PIRES, 1921, p. 28).

Foi com o objetivo de estabelecer as diferenciações que havia entre os habitantes rurais que Pires criou um esquema de classificação para eles seguindo variações raciais. Para tanto, Cornélio recorreu à taxonomia vigente na etnografia praticada nas primeiras décadas do século XIX, associando características raciais, perfis psicológicos e experiências culturais. De forma sucinta, essa população estaria dividida em quatro tipos: caipira branco, caboclo, mulato e preto.

O caipira branco “quer dizer de melhor estirpe; meia mescla, descendentes de estrangeiros brancos” (PIRES, 1921, p. 11). Os caipiras brancos eram gentis, bem cuidados, trabalhadores, fiéis, hospitaleiros, bondosos, pacientes, solidários, dentre outros atributos. Em comparação com os demais tipos do interior, ele seria o mais bem situado.

Os caipiras caboclos habitavam todo o interior do Estado, eram “descendentes directos dos bugres cathechizados pelos primeiros povoadores do sertão” (PIRES, 1921, p. 19). Estavam mais próximos dos índios, eram pessoas valentes e arredias, tanto em relação ao trabalho, quanto em relação à educação. Eram marotos, sujos, usavam trajes “repelentes” e suas casas eram imundas. “Inteligentes e preguiçosos, velhacos e *mantosos*, barganhadores como os ciganos, desleixados, sujos e esmolambados [...]” (PIRES, 1921, p. 19). Ainda que encarasse esse tipo com negatividade, Cornélio insistia que era necessário investir em sua educação.

Para o autor, foi justamente “um desses indivíduos que Monteiro Lobato estudou, criando o Jeca Tatu, erradamente dado como representante do caipira em geral” (PIRES, 1921, p. 26). Ainda que seja possível reconhecer algumas semelhanças entre esse tipo de caipira considerado degenerado por Cornélio e as descrições de Lobato, precisamos demarcar que mesmo “a pior espécie de caipira” para Cornélio era inteligente, de grande capacidade de aprendizagem e vivia em uma situação difícil devido à falta de educação e não por incapacidade biológica ou racial.

Seguindo a classificação descrita por Cornélio, temos os caipiras pretos que eram descendentes de africanos e vítimas da influência da escravidão. Eles podiam ser subdivididos em “negros velhos” e “pretos jovens”. Os “negros velhos” eram doentes,

escassos e decadentes enquanto os “pretos jovens” eram trabalhadores, progressistas, limpos, educados e alegres.

Por último, temos o caipira mulato, que segundo Cornélio era excessivamente cortês e galanteador: “oriundo do cruzamento de africanos ou brasileiros pretos com portugueses, e brasileiros brancos, raramente com o caboclo, o caipira-mulato é o mais vigoroso, altivo, o mais independente e o mais patriota dos brasileiros” (PIRES, 1921, p. 33).

Sobre a questão racial, vale a pena recordar um conto denominado “Água Virtuosa”, escrito por Cornélio Pires e publicado no periódico paulistano *A Cigarra*. No texto, Nho Thomé “resolvia bulir com os pretos”, explicando o motivo pelo qual os homens não tinham a mesma cor de pele. Contava Pires que, no início, todos os homens eram negros, mas que Deus resolvera mudar tal situação:

Intãonce Deus mandô pubricá p’ro mundo intero, que era o Sítio, que quem fosse se lavá nu’a lagôa, ficava branco. Aquilo foi um córre-córre que Deus nos acuda!

– Os mais ligêro, mais vivo, mais ladino, avuaro p’ra lá. Um bando de homens e muiê, na correria, na desparada, p’ra chega premêro [...]

– Os premero chegado ficaro arvo – são os alemão.

– Os seguinte acharo aua meio suja – são os branco.

– Os outro acharo aua turva – são os moreno.

– Otros acharo aua escura, a lagôa tava secano – são os triguêro.

– Otros acharo um fiapico d’aua vermeia misturada com táua – são os cabocro. [...]

– E os otro?

– Os otro, os priguçoso, os bobo, os durminhoco que vivia cuchilano no pédo-fogo e no sór e arguns que num tivero jeito de chegá mórde os da frente, esses quano chegaro só acharo um tiquinho de humidade, que mardeu pr’a moiares as sola dos pé e as parma da mão [...] (PIRES, 1921, não paginado).

De acordo com o conto de Cornélio Pires, os homens brancos eram aqueles que chegaram primeiro e que, portanto, eram os mais espertos. Na corrida para o lago, os caboclos não teriam sido tão bons quanto os brancos, porém, não haviam chegado em último lugar como os negros. O título do texto, “água virtuosa”, juntamente com a ideia de limpar-se para tornar-se branco, traz o aspecto da purificação. O negro, além de “preguiçoso, bobo, durminhoco” e lento, não foi purificado e, por conta disso, foi castigado com sua cor de pele.

É interessante pensar o quanto a questão racial aparece nas entrelinhas deste texto, sendo provável que o autor quisesse colocá-la em debate. Se por um lado, havia a reflexão do povo brasileiro, com um pouco de índio, de negro e de branco europeu, ao mesmo tempo, havia uma relação de “poder” entre civilizações e etnias. Vale a pena

lembrar neste caso da eugenia, já que havia uma espécie de escala valorativa de estratificação dos homens, enobrecendo a pureza racial e, por conseguinte, a raça branca.

Tendo em vista tais questões, passemos agora a uma análise de Monteiro Lobato. Para tanto, precisamos mencionar que, apesar de energéticas as opiniões de Monteiro Lobato, elas foram caracterizando-se por nuances diferentes ao longo dos anos. Para Sylvia Leite (1996, p.74) Lobato vestiu uma máscara das ideologias com as quais conviveu. Em primeiro lugar, “o pessimismo determinista, herança do evolucionismo do século XIX, que vê na miséria e desalento do povo um fadário atávico a ser cumprido e cuja expressão mais significativa consta dos artigos ‘Velha Praga’ e ‘Urupês’” conforme vimos aqui. Em um segundo momento, predominou “a visão higienista, segundo a qual as mazelas da nação seriam resultantes fundamentalmente do descaso com a saúde pública, o saneamento básico- é desse a retomada do Jeca ‘Higienizado’”, versão popularizada com a campanha do Biotônico Fontoura e que pode ser exemplificado por meio de *O Problema vital*. Por último, a autora menciona uma perspectiva nacional-desenvolvimentista, economicista da década de 1930, associada ao período em que o autor viveu em Nova York e foi responsável pela campanha do ferro e do petróleo, como pode ser percebido em *O escândalo do petróleo e o ferro*.

Percebe-se, portanto, que ao longo de sua carreira, Monteiro Lobato constatou um problema, um empecilho ou um diagnóstico para o Jeca. Ele era preguiçoso e, portanto, um entrave para o país. Mais adiante, no livro *O Problema Vital* (1918), o escritor colocou a questão de outra maneira, privilegiando o enfoque médico-sanitário. Segundo Skidmore, (1976, p. 200-203), a transformação no pensamento de Lobato se deu quando ele passou a entrar em contato com os médicos Artur Neiva, Belisário Penna e Renato Kehl, participantes do movimento sanitarista.

Lobato constatou que o Jeca estava na realidade doente, ele era portador do Amarelão. Vejamos trecho retirado da “ressureição” do Jeca:

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo:
- Amigo Jeca, o que você tem é doença” (LOBATO, 1946, p. 329).

No prefácio da quarta edição de *Urupês*, ainda em 1918, Lobato penitenciou-se por conta da sua falta de compreensão que ocorrera anos atrás:

Cumpre-me, todavia, implorar perdão ao pobre Jeca.

Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte.

Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade (LOBATO 1944, apud LEITE, 1996, p. 82).

Para atingir a cura, o ideal era que o Jeca fizesse um tratamento com os remédios adequados, que não andasse mais descalço e que não ingerisse bebidas alcoólicas. Essas medidas o tornariam mais forte e fariam com que ele ganhasse mais dinheiro com sua disposição e trabalho. Percebe-se que há um processo de higienização não só no corpo, mas também na moral do caipira.

Essa versão do Jeca Tatu tornou-se tão popular que foi adotada por Cândido Fontoura para realizar a propaganda de seus produtos medicinais, especialmente o Biotônico Fontoura. O Jecatatzinho, seu novo apelido, popularizou-se nos pequenos folhetos que alcançaram tiragens altíssimas no Brasil inteiro. Jeca Tatu tornara-se corajoso, trabalhador e rico. Na realidade, tornou-se um *farmer*. Sua fazenda possuía eletricidade, rádio, telefone, dentre outros equipamentos.

De certa forma, podemos afirmar que assim como Cornélio, Lobato também demonstrou seu desejo por melhorias no campo. Há nos trabalhos dele um interesse visível no progresso e no desenvolvimento do país. O anseio por tecnologia, pela racionalização do trabalho explicam o novo Jeca Tatu revigorado e pronto para colocar a nação nos trilhos.

Lobato chegou a escrever uma carta para Cornélio Pires - não datada - parabenizando-o por seus livros e pelo sucesso de vendas de *As Estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo* (1924):

[...] já comprei as “Aventuras” e li-as e venho dar-te um abraço e ao mesmo tempo confirmar-lhe minha admiração pela tua obra, inda não bem compreendida pela crítica. Você, Cornélio, é um dos pouquíssimos que vai ficar. Há tanta verdade nos teus tipos, tanta vida, há tanto humanismo na tua obra, há tanta beleza, e tanta originalidade em teu estilo que estás garantido, estás a prova do tempo que varre impiedosamente o que é medíocre. Um sincero abraço (ARAÚJO, 1968, p. 128).

As mudanças de Monteiro Lobato no modo como representou o caipira revelam todo um emaranhado complexo de significados que estão imbricados, como já

dissemos, ao movimento sanitaria, às questões raciais, a busca pela regeneração do homem do campo, a busca pelo desenvolvimento econômico e pelo progresso do país. Apesar dessa transformação e da tentativa de colocar o homem do campo como um pilar para o enriquecimento ao invés do fracasso da nação, é factível que Monteiro Lobato tenha se cristalizado de fato, na imagem do Jeca Tatu preguiçoso e indolente. Aliás, os textos de Lobato passaram a compor uma espécie de tradição na forma de tratar o caipira no Brasil. Essa imagem que o ridiculariza é retomada no cinema de Mazaropi por exemplo.

Sobre Cornélio Pires, podemos constatar que o autor empenhou-se em retratar a heterogeneidade do ambiente rural por meio dos tipos humanos e das variedades culturais. Por outro lado, fica perceptível que apesar do esforço em valorizar o modo de vida, a inteligência e a vontade do caipira, o autor acabou legitimando certa forma de preconceito em relação à população do interior, especialmente no que concerne à raça e à cor da pele. Segundo Marcia Naxara, (1998, p. 123) Cornélio Pires “esteve imerso no universo cultural de sua época, não estando imune, apesar do esforço de representação do caipira enquanto homem do trabalho, aos paradigmas de seu tempo, e contribuindo para reforçar preconceitos a respeito da população nacional”. Desse modo, contribuiu para “a inferiorização desse mesmo caipira, apresentando quase sempre como matuto, com traços de esperteza, que se manifestam em algumas oportunidades, mas sempre inadequado para os padrões civilizados” (NAXARA, 1998, p. 123).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Variadas versões do homem interiorano foram construídas ao longo do tempo. Além de Monteiro Lobato e Cornélio Pires, vários outros escritores dedicaram-se a conhecer e representar o caipira nas suas mais diversas formas. Neste artigo, devido à impossibilidade de realizar um trabalho mais completo, procuramos resgatar a forma como esses escritores perceberam e representaram o habitante rural, especialmente no que diz respeito à busca pelo progresso via questões relativas ao trabalho, além dos complexos aspectos raciais.

O objetivo foi pensar as percepções do homem do campo que se deram no início do século XX ao mesmo tempo em que buscamos refletir sobre seus significados históricos. Vale a pena ressaltar novamente o quanto esses escritores estiveram

marcados pelas ideias e preconceitos de sua época. O acesso à cultura do habitante do interior deu-se nestes trabalhos pela mediação dos autores, que mesmo estando próximo desse universo, mantinham um olhar de fora, que almejava conhecer, coletar, divulgar e até mesmo, criar histórias sobre eles. “Por maior que fosse a aproximação e mesmo a preocupação de respeito com relação à essa cultura, o autor lhe era e permanecia estrangeiro”(NAXARA, 1998, p. 119).

Para encerrar, podemos retomar a ideia de estereótipo, que sempre esteve muito ligada à figura do caipira. Corroborando com o pensamento de Jacy Seixas, (2013, p. 253) temos que o estereótipo não aponta apenas para o significado tornado dominante de uma ideia preconcebida ou uma representação preconceituosa, simplificadora e esvaziada de verdade ou conhecimento. “A forma estereótipo é generalizante e hiperbólica, sem dúvida; redutora de significados, não.”

A noção de estereótipo desenvolvido pela autora guarda relação com o trabalho que se buscou desenvolver neste artigo. A imagem estereotipada do caipira, seja ela de Cornélio Pires ou Monteiro Lobato, não deve ser tratada como uma imagem “errada” do habitante rural. Longe disso, essas imagens trazem significados profundos não apenas sobre os autores que tratamos mas também sobre toda uma época que procuramos compreender. O “estereótipo confere à sua maneira, enquanto linguagem e lugar de visibilidade, sentidos às ações sociais e políticas, às formas de se perceber, de pensar e sentir o mundo, o outro e a si mesmo” (SEIXAS, 2013, p. 253).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cornélio Pires: o bandeirante do folclore paulista**. Revista da Academia Paulista de Letras, São Paulo, n. 72, ano 25, nov. 1968.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANDIDO, Antonio. [1964]. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o paulista caipira e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LEITE, Sylvia H.T. A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

LOBATO, Monteiro. [1944]. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010.

_____. “Jeca Tatu”: a ressurreição”. In: **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. Obras Completas de Monteiro Lobato. São Paulo; Brasiliense, 1946.

_____. [1918]. **Urupês**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra:** representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume, Fapesp, 1998.

PIRES, Cornélio. Agua Virtuosa. **A Cigarra**. São Paulo, n. 168, 15 set. 1921.

_____. [1921]. **As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho**, (o queima-campo). 4ª ed., Tietê: Prefeitura Municipal de Tietê, 1985.

_____. [1921]. **As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho** (o queima-campo). 4 ed., Tietê: Prefeitura Municipal de Tietê, 1985.

_____. **Conversas ao pé do fogo**. Estudinhos, costumes, contos, anedotas, cenas da escravidão. São Paulo, 1921.

_____. Página caipira - Terra infame! **A Cigarra**. São Paulo, n. 58, 17 jan. 1917.

_____. **Tarrafadas** – Contos, anedotas e variedades. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** evolução e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEIXAS, Jacy. Formas identitárias e estereótipo: o brasileiro jecamacunaímico e a gestão do esquecimento. In: NAXARA, Márcia; CAMILOTTI, Virgínia. (Org.). **Conceitos e Linguagens:** construções identitárias. São Paulo: Intermeios, 2013.